

# FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO : NEGROS E ÍNDIOS , CABOCLOS E ESCRAVOS EM CONFLITO.<sup>1</sup>

Autor: Vanessa Regina dos Santos, UFS/SE

## Resumo:

A festa conhecida como “teatro a céu aberto” tem como cenário as pequenas ruas de Laranjeiras, uma pequena cidade localizada no interior do Estado de Sergipe-Brasil em que sua história foi construída por conflitos de classes entre brancos, negros e índios, seu nome é Festa dos Lambe Sujos versus Caboclinhos. A luta apresentada teatralmente é a saga do negro em busca de liberdade, fugidos das fazendas de cana de açúcar, constroem seus refúgios nas matas, caçados e capturados pelos índios.

Descrição etnograficamente as ações é servir exatamente para direcionar o olhar acerca dos símbolos, a priori desorganiza a estrutura social já que sai do que se define como cotidiano, permitindo excessos e exageros, mas que os papéis e personagens que ali se encontram dentro de um tempo e espaço específico através da performance, seguem uma lógica de acontecimentos sociais, perpassa além dos muros do teatro já que possui sentido e sua fundamentação é legitimada pelo momento festivo.

O diálogo apresentado entre performance e festa enaltece durante o evento dramas e as contradições sociais no sentido de se festejar a própria derrota (lambe sujos) embasada pelo contexto, mas tomam destaque pela euforia, pela efervescência coletiva, num curto espaço de tempo revela a multiplicidade de sentidos vivenciadas por aqueles que dão continuidade aos grupos ano a ano . Revelam-se por meio dos gestos, da oralidade (perceptível pelas músicas, suas letras entoadas e falas elaboradas) pelas indumentárias como roupas e adereços, símbolos que buscam compor a história pungente da cidade de Laranjeiras.

Palavras-Chave: Festa cultural, rito, dramas sociais.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

## 1. INTRODUÇÃO

Entender através da Antropologia Cultural e Social quais são os principais questões que concerne no termo festa não é tarefa fácil e simples, tampouco engessada, traçada a fechamento unívoco da sua teoria. Esboçar a sua estrutura como um objeto pautado a caracteres universais foge da sua funcionalidade, diferentemente de uma busca com exatidão de fatos e consequências, planar no terreno movediço sobre festa é se deparar com inúmeras dúvidas e impasses.

Este trabalho não seria diferente. A tentativa de discorrer sobre uma variedade de sentidos em que a festa Lambe Sujos me permite com o cuidado em mostrar mais uma visão sobre esta dentro da performance como mecanismo que representa, mitifica e sobretudo contradiz.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (1986) “festa é uma reunião alegre para fim de divertimento; conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento, solenidade, comemoração; dia santificado, de descanso, de regozijo”. De maneira bem subjetiva o conceito de festa tem funções e finalidades, seu principal objetivo é o de celebrar algum acontecimento marcante de um grupo ou comunidade, ou seja, tanto o conceito quanto a prática festiva buscam oficializar por meio das suas ações mitos e ritos em torno de um fato específico.

Neste artigo, Lambe Sujos e Caboclinhos, negros e índios respectivamente buscam narrar pelo teatro um tempo histórico ao qual foram moldados seus dramas sociais, desde problemáticas em torno de lutas de classes até questões de cunho religioso.

Simbolicamente representados buscam através de adereços e ações concretizar aquilo a qual se tem a pretensão de transmitir, é o ambiente construído que todo o objetivo se consolida. Não obstante, fazer da técnica etnográfica uma aliada ao campo de trabalho, buscando elementos que traduzam sobre o que se fala e sobre o quem se fala.

Dentro da amplitude sobre os componentes que englobam a teoria da festa, a diversidade de sentidos e suas pluralidades, esclareço que não tenho alguma pretensão de esgotá-las, mas ao propor pela performance clarear como as ações aparentemente desordeiras, bagunçadas possuem mitos e abrem o caminho para entender como o todo desorganizado da ação festiva, revelam dramas sociais e suas contradições.

Aparentemente este todo desorganizado é que a festa é composta de sequências ritualísticas que englobam mitologias, histórias orais daqueles que veem neste evento

um sentido para que a sua permanência dure mais de oito décadas. O aparato teórico e metodológico sobre festa, aqui serve exatamente para mostrar como este evento possui performance, mitos e ritos acerca de que se fala como a história do negro e do índio na formação social de Laranjeiras. A inversão social é predominante num tempo combinado, com isso todas as ações, gestos e símbolos compõem sentido e significado.

O grupo dos Lambe Sujos e dos Caboclinhos figuram um universo emblemático sobre o que definem o negro e o índio na formação histórica e cultural da cidade. Simploriamente não se descarta outro ponto fulcral da representação, revela os dramas sociais pelo invólucro festa, mas que está pautado pela memória coletiva, já que se fala de acontecimentos anteriores, as múltiplas interpretações da essência da festa como um modelo epistemológico nos leva a perceber esta como um fenômeno analítico em que os pares mito/rito, teatro/performance estão construídos sob uma perspectiva de relações diversas, mas sempre se correlacionam na qual toda a sua estrutura reforça e enfatiza os dramas sociais/culturais, por assim dizer.

A festa torna-se um processo de reinvenção, reinterpretação, uma alusão a um passado celebrativo e emblemático de determinada sociedade. Momentos interpretados e performatizados, linearmente pensado sob a perspectiva de causa e efeito social, em que todos os envolvidos estão ali para representar historicamente sua identificação, sua luta, sua existência.

A carga simbólica em que esta festa está pautada nos leva a compreender toda a historicidade de Laranjeiras, situar diversos conceitos através de sua simbologia esplanada antes, durante e depois do ato festivo contendo a celebração de um passado cheio de problemáticas socioeconômicas e é através da interpretação teatral que se propõe a recomposição, reinterpretação de um espaço e tempo específico.

É através desse dinamismo natural que as mudanças estão compostas nas análises sociais, quando nos propomos a estudar a cultura de uma determinada sociedade pelo seguimento da festa, devemos ter a preocupação de compreender como seu processo vincula-se à retomada da memória por meio da teatralização.

Dessa maneira, a festa aqui analisada será a do Lambe Sujos versus Caboclinhos que ocorre em Laranjeiras no Estado de Sergipe, no segundo fim de semana do mês de outubro. A escolha da data de sua realização também está pautada em questões específicas como sequência do calendário de festas cívicas, aproveitando a ocasião para retomar a construção histórica, política e social da cidade.

Com o jargão “o maior teatro popular a céu aberto do Brasil”, utiliza como palco as ruas arquitetônicas de Laranjeiras Colonial, revelam um misto de preservação patrimonial e modernidade, que se mantem viva na reminiscência daqueles que a conhece, permanece no contexto cultural há mais de oito décadas. Durante um final de semana, compõem um ambiente revelador de sentidos e interpretações sobre a historia do índio e do negro na cidade.

O contexto em que a festa está baseada é uma perspectiva histórico-geográfica já que segue uma linearidade dos fatos, como as questões sobre a área, clima, terreno propício para o cultivo e a cultura da cana da região do Vale do Cotinguiba, o incentivo do governo na construção de fazendas, a produção em série e exportação do açúcar além das fronteiras, até a inserção dos negros e dos indígenas neste cenário e como estes se tornaram elemento representativo da festa em questão.

A festa retrata as relações conflituosas entre negros e índios na época da ascensão das fazendas de cana de açúcar. Com o ápice econômico junto à necessidade de baratear os custos da produção, os senhores de engenhos tentou usar os índios como mão de obra neste processo, segundo as histórias oficiais contadas em livros, registradas em jornais da época, estes mesmos não aceitavam a condição, rebelavam-se prejudicando a produção açucareira.

A alternativa encontrada seria exportar do continente africano trabalhadores, que em sua maioria eram comercializados de maneira ilegal, contexto este conhecido e enfático na formação social brasileira, cujo resultado era uma economia significativa para os senhores dos engenhos.

Resumidamente a relação que é articulada para compor este evento consiste em problemas de manutenção da ordem, ou seja, com a chegada as terras sergipanas estes africanos encontram outra realidade, trabalho árduo e explorador justificando assim as intensas fugas e algumas rebeliões.

Os indígenas moradores das regiões próximas às fazendas e conhecedores das áreas mais remotas serviam como intermediadores dos capitães do mato, estes prestavam serviços aos donos das fazendas cuja sua função era de manter o ordenamento dos trabalhos, utilizavam dos serviços dos indígenas quando algum negro fugisse, já que a perda de algum destes negros, resultaria em prejuízos as senhores de engenho. É esta tríade relacional de manutenção da estrutura da produção açucareira, aonde o trabalho incessante ao ser descontinuado resultava em problemas econômicos

com possíveis punições físicas àqueles que não as mantivessem é que condensa a história descrita.

As fugas dos escravos, explicadas pelo trabalho intenso, a captura dos mesmos, ordenada pelos capatazes e executadas pelos índios, visando reestabelecer as ordens, sem prejuízo econômico aos fazendeiros e donos dos engenhos, tornam-se elementos emblemáticos para sumarizar a representação festiva lambe sujós e caboclinhos na cidade de Laranjeiras.

A encenação teatral de caráter espontâneo ao ar livre<sup>2</sup>, representa o ponto fulcral do conflito entre escravos negros e indígenas, sendo enveredada pela historiografia da formação social da cidade a justificativa da festa. É notório ao longo dos dois dias do evento como a performance toma destaque em meio ao clima e a efervescência daqueles que corroboram e participam de maneira direta ou indireta na organização.

Vale destacar que ambos os grupos, negros e índios, desempenham papéis específicos para que o sentido seja pleno e tomem seu lugar no enredo, quer dizer, a estrutura é composta de adereços, objetos, falas, gestos e ambientes que denotem do que se fala e para quem se fala, mitos e símbolos são contextos importantes para sua efetivação como uma representatividade histórica.

O propósito é mostrar como o conceito de performance e teatro é regido pelas relações grupais, falar da festa através desta perspectiva, retomando a historicidade social pela encenação, pela brincadeira, e através de duas facetas importantes: de um lado legitimando o processo de formação social de Laranjeiras e do outro permitindo ao indivíduo sair da rotina e das regras sociais.

## **2. LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS: A ENCENAÇÃO SERGIPANA**

Laranjeiras uma cidade historicamente influenciada pela prática e manifestações culturais e que teve na produção teatral grande destaque no cenário estadual no século XIX. Segundo Menezes (1986), a cidade tinha a preocupação de práticas culturais artísticas, politicamente projetadas para se tornar capital de Sergipe.

Isso nos remete a uma análise anacrônica de como o teatro e suas prerrogativas estão inseridas no contexto de formação social da cidade. A partir deste ponto ao descrever a festa dos lambe sujós versus caboclinhos que como muito bem fala mestre Zé Rolinha<sup>3</sup>, “teatro a céu aberto”, é pensar como toda a prática não é senão um

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada no cartaz do evento no ano de 2015. Fonte: Prefeitura Municipal de Laranjeiras.

<sup>3</sup> Zé Rolinha: Coordenador e mestre do folguedo lambe sujós.

momento composto de mitos, histórias narradas em que os ritos compõem toda a sua trajetória. A festa em Laranjeiras é composta por dois grupos principais: de um lado os lambe sujos que representam os negros escravos e do outro os caboclinhos, os índios caçadores.

Figura 1- Lambe Sujos



Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos lambe sujos e caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Os lambe sujos, em sua performance, pintam o corpo com tinta xadrez preta, usam shorts e boinas vermelhas, chupetas na boca, levando consigo objetos que representavam o trabalho escravo (facões e foices), gestual e falas irreverentes. Existe também a mãe Suzana, uma espécie de feiticeira/curandeira e o pai Juá, uma espécie de preto-velho/curador, o rei, o príncipe, os taqueiros cuja função é de manter a ordem, o negro forro, que no embate final sobe no mastro e avisa a aproximação do grupo rival, e demais componentes, em sua maioria brincantes e moradores da cidade compondo desta maneira o quadro simbólico do folguedo.

É este teatro de rua que conseguimos constatar como a restauração de conflitos sociais estabelecidos dramaticamente, em que de um lado encontra-se a guerra entre os negros que enfrentam os índios e que estão a serviço dos brancos para aprisioná-los e de outro o conflito entre escravos e os feitores (conhecido como capitães do mato) que a todo o momento encenam a resistência em serem capturados e buscam a fuga insistentemente.

Importante destacar a configuração dos personagens que são os feitores, pois estes são ex-escravos e tornaram-se quilombolas, mas que durante toda a encenação transformam-se em figuras fundamentais na compreensão da festa e usa durante todo o cortejo o chicote para controlar os escravos, objeto simbólico de obediência e medo.

O grupo dos caboclinhos, devidamente trajados com sua indumentária indígena, são em menor número, tem como personagens além dos participantes, a rainha e a princesa, esta é raptada num dos momentos da encenação, e o desenrolar dar-se-á pela retomada da mesma, acirrando o conflito entre os dois grupos.

Figura 2- Caboclinhos



Figura 1- Fonte: pesquisa de campo da mestranda  
Apresentação dos lambe sujos e caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Estas figuras aqui descritas remetem a interpretação de como cada grupo busca demonstrar que possuem uma história própria, personagens marcantes, importantes e a preocupação em situar-se na festa legitimando sua origem.

Durante o dia da festa, ambos os grupos circulam pela cidade, cantando e brincando. O comportamento do grupo que representa os negros é de extroversão beirando a extravagância, pedindo dinheiro à todos que encontram pelo caminho com ameaças de sujar caso lhes sejam negados. Esse dinheiro representa simbolicamente a compra da liberdade. Em oposição a estes, o grupo rival, os caboclinhos permanecem durante o cortejo com gestual contido e nestas idas e vindas pelas ruas de Laranjeiras ao se encontrarem, os embates acontecem.

O ritual da festa é composto por três atos distintos correspondendo segundo Schechner (2012), o que ele chama de “restauração do comportamento”, ou seja, na essência é igual, mas existe diferença, a cada ano encena-se com pequenas alterações: primeiro, a trajetória geográfica é feita nas principais ruas da cidade em que todos os percursos são simbolicamente marcados, desde a busca dos personagens em suas referidas casas, à ida ao rio, passando pela igreja matriz para serem “abençoados” pelo padre e pelo terreiro dando forma ao sincretismo religioso.

Começam as atividades na alvorada a partir das quatro horas da manhã do domingo, todos se reunindo na casa do coordenador do grupo dos lambe sujos com seus

instrumentos e batuques convocando os integrantes para juntar-se ao evento. Percorrem as ruas batucando, cantando, brincando convidando todos os moradores da cidade para que façam parte deste momento.

Os feitores mantêm seu papel de ordem no grupo, sua figura e sua indumentária são exatamente de amedrontar e chicotear os que tentam sair do grupo, como também os curiosos que tentam entrar. A participação do público se configura de maneira efêmera, ao mesmo tempo desafiando os feitores, ameaçando invadir o grupo, forçando uma entrada não planejada, quer dizer, controlando os escravos e o público alternadamente para que a estrutura da festa seja mantida.

No segundo momento são os embates que ocorrem entre os participantes dos grupos durante os encontros nas ruas e o último momento é o embate final em que os caboclinhos invadem o mocambo dos negros e os aprisionam.

No segundo fim de semana do mês de outubro, as atividades começam com “esmolado”. A título de curiosidade o termo esmolado é exatamente colocado com alusão a ideia de esmola, sendo pejorativo ou não, a ideia consiste na ida de dois integrantes dos grupos, um de cada, para pedir aos feirantes, população em geral a contribuição com qualquer tipo de utensílios que agregue na feitura da feijoada.

Assim como a maioria das cidades interioranas, as feiras livres fazem parte do cenário local, tornaram-se ao longo dos anos emblemas de uma identidade, em contato direto com os bens mais acessíveis em que a natureza oferece junto com outros utensílios, os feirantes possuem um espaço, geralmente situam o comércio “móvel” no centro das cidades, vendem, trocam e expõem seus produtos.

Em Laranjeiras a feira também consolidou seu espaço e tempo, tendo funções e simbologias específicas, durante a festa dos lambeijos contra os caboclinhos trouxe mais um cenário para desenvolvê-lo do evento.

Durante o sábado nas primeiras horas, antes do dia clarear, um caboclinho vestido e performatizado enlaça pela cintura um lambeijo conduzindo-o com um cordão, juntos percorrem as ruas e todos os espaços da feira livre com o objetivo de arrecadar uma maior quantidade possível de utensílios para a feijoada como dita anteriormente. Carnes, legumes, verduras, grãos e dinheiro são bem vindos, direta ou indiretamente a comunidade interage com o evento, mas nem sempre as ações são



positivas, já que como qualquer outro contexto algumas pessoas não são favoráveis ao ato, sem tirar o foco o que se observa é a predominância de contribuição de feirantes e sociedade para a feitura da feijoada coletiva.

Porém, em que contexto a feijoada passou a ser símbolo de comensalidade entre os grupos? Segundo os relatos, com as sobras das comidas feitas para os senhores e a família, os escravos juntavam todos em um único ambiente, acrescentando algumas verduras, a mistura ficou conhecida como feijoada. Muito ainda se fala sobre o acesso escasso do negro a alimentação, que ao fugirem para sobreviver plantavam como também saqueavam locais ao redor dos quilombos.

Após angariar as doações, os dois membros dos grupos põem tudo num cesto e deixam na casa do coordenador do evento, a esposa do mesmo com a ajuda de alguns participantes selecionam e limpam o que foi arrecadado preparando a feijoada, que será compartilhada no dia seguinte, no domingo em torno do meio dia, entre ambos os grupos.

Sobre o segundo momento: a alvorada. Num misto de performance, simbologias e musicalidade envolvente, criando um clímax contagiante entre os participantes e o público, a festa segue seu curso teatral. Desde a indumentária dos participantes até a escolha dos espaços ou locais de encenação, a cidade agrega simbolicamente a reconstrução de sua história social.

Na entrada da cidade, ao lado da praça e do canal de escoamento de produtos na época colonial, montam o mocambo, este era feito com folhagem e taquaras (bambus<sup>4</sup>), em meio à mata pelos escravos fujões da época. É este local que finalizará a festa, com o confronto entre os dois grupos, sendo queimado como emblema de dominação.

A montagem do mocambo é feita de forma sistemática e ritualística, ou seja, quando termina a arrecadação dos preparativos para a feijoada, conhecido como o esmolado, membros de ambos os grupos seguem para a mata próxima para recolher os bambus, a escolha é feita por aqueles que sabem definir qual a melhor haste na construção do mocambo, em meio a músicas, brincadeiras e bebidas alcoólicas, retornam a praça e inicia a preparação.

---

<sup>4</sup> Bambus ou taquaras são colmos ocos, lembram canudos, por isso tão utilizados na construção de habitações.

O clima festivo toma conta da cidade e dos moradores, não se limitando a eventos performáticos, após a montagem do primeiro dia, todos continuam envolvidos, a extensão da festa se insere nas casas e ruas, tendo como intermédio a musicalidade e instrumentos musicais em geral.

Logo a noite se prolonga na espera da alvorada, às quatro horas da manhã com batuques e fogos de artifícios, todos seguem para casa de mestre Zé Rolinha, este momento é marcante para concretizar a invasão dos negros a cidade, a euforia toma conta dos participantes, que demarca as cenas que dão continuidade a performance cultural. Ao ritmo de frases prontas que enfatizam a liberdade, como descrita logo a seguir, entoada ao som de batuques, tambores e ganzás a cidade é invadida e os negros passam temporariamente a dominar as ruas de Laranjeiras.

*Tava capinando a princesa me chamou, alevanta nêgo  
Cativeiro se acabou.  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Se vier pau há de levar*

Sons entoados pela efervescência do momento, pela intensidade em que o enredo vai se desenvolvendo, marcam temporalidades específicas, ou seja, pelas letras, pela sonoridade os lambe sujos buscam legitimar seu espaço, inserindo tonalidades as vozes que acompanham e levam o emblema do que é ser negro, como sinônimo de luta, resistência e identidade.

Marcada pela relutância os negros, parte do processo da formação social e identitária da cidade, pela festa conseguem saem da figura de escravo para se tornam cidadãos resistentes e símbolo de resistência aos regimes impostos.

Num contágio performático e capcioso, por assim dizer, os lambe sujos seguem o itinerário da alvorada, sem estarem completamente fantasiados, cantam e com ênfase os trechos acima citados, sem, contudo desorganizar o objetivo deste momento.

Passam pelo terreiro próximo à casa do coordenador com o objetivo de receber a benção, continuam o percurso com músicas que são compostas de frases curtas e enfáticas:

*Eu chorei, o povo chorou  
O cadê a mochila que o cão carregou?  
Samariquinha do Tapicuru  
Samariquinha do Tapicuru*

Algumas horas passam e o ensejo continua pelas ruas de Laranjeiras sempre acompanhada de músicas, instrumentos, muita correria dos que ousam desafiar os taqueiros e o som das chicotadas que ressoam pelo contexto festivo de maneira atraente. Quando descrevo sobre as chicotadas e a forma como ela está contextualizada no evento e toma determinada abrangência entre os participantes e o público de maneira geral, o que chama atenção é a sua dissidência entre grupos que se reúnem adequadamente quanto às vestimentas, usando macacões que ajudam a abrandar as chicotadas.

Entre desafiar os taqueiros e exceder nas atitudes, o clima de euforia toma destaque, é notório durante o percurso como o público e os brincantes aderem ao personagem quanto à ideia de exageros permissíveis. Além do mais, o uso de bebidas alcoólicas como elemento constitutivo do evento, tanto para o comércio, quanto para a população.

Num pequeno intervalo, ambos os grupos retornam para os espaços de concentração, os lambe sujos e os caboclinhos organizam-se para pintarem o corpo, de preto e de marrom respectivamente. A tinta preta brilhante tem se tornando um dos motivos pelo qual o número de interessados em brincar de Lambe Sujos tem crescido, mas, contudo isso não se torna fator primordial nesta análise, o brilho que é atraente não resume, não legitima o grupo como um todo, mas localiza sujeitos performáticos dentro de um evento cultural como este.

Se o brilho chama e atrai a atenção, o fosco da pele dos caboclinhos traz caracteres emblemáticos para aqueles que compõem o grupo. O incorpora-se pela ideia da cor revela em si questões simbólicas, como descreve Pedro 14 anos “ser caboclinho é ser antes de tudo um guerreiro, a cor avermelhada é para lembrar meus antepassados e mostrando pela cultura a identidade da cidade, eu tenho orgulho de ser índio”.

Os dois grupos através da imagem conseguem transmitir a mensagem que se propõe pela festa. Caracterizar-se de negro ou índio, usando roupas, instrumentos que simbolizam o estereótipo, como por exemplo, a associação do negro ao trabalho escravo – foice, do índio a caça – arco e flecha, idealizados para localizar sobre quem e do que se fala, o todo elaborado consegue aderir à linguagem corporal e simbólica em que o evento consegue alcançar de forma clara a sua instrumentalização.

Assim como partes de uma peça teatral, o enredo apresenta sequências que são entrelaçados umas com as outras, dentre estas os embates, em outras palavras são os confrontos simulados, representando as lutas corporais e ensejadas com uso de espadas entre os lambe sujos e caboclinhos que acontecem nas ruas da cidade em determinados momentos.

Falar sobre festas culturais requer planar pelos aspectos religiosos pungentes. Lambe sujos e caboclinhos não seria diferente, a cena que acontece após a alvorada representa exatamente este diálogo entre a religião católica e africana. O grupo dos negros tem na composição figuras representativas de matriz africana e que são homenageadas <sup>5</sup>, em movimentos ritmados, a primeira ação é buscar o rei do grupo em casa, exaltado e reverenciado, junta-se ao grupo e seguem ao som de cantos e batuques para o terreiro Nagô Santa Bárbara Virgem, pedindo a benção pela peleja que os esperam.

Após serem abençoados, eufóricos cantam “vou pra terra de congo, vou ver Angola, adeus parente que eu já vou embora”, repetidas vezes continuam entoando os passos a caminho do próximo encontro que acontece a porta da igreja matriz Sagrado Coração de Jesus.

Este momento é marcado pela presença de ambos os grupos para que o pároco da cidade os abençoe. A dispersão dá seguimento ao dia, em caminhos opostos os caboclinhos, grupo menor, continua pelas ruelas da cidade marcada pelas entoações das caixas e baquetes cantando: “Negro correu, Caboclo pegou. Negro correu, Caboclo pegou”.

Este ato cênico como parte integrante da configuração festiva, entoa uma série de discursos de pertencimento e de um referencial sagrado em que o evento consegue agregar de maneira diversa, mas lógica no sentido de desenvolvimento. O momento não é de demarcações entre qual será a religião certa, e sim de mostrar como os discursos de adversidade desmitificam, havendo um diálogo quando o único objetivo é diversão e manter a cultura viva.

---

<sup>5</sup> A palavra “homenagem” posta entre aspas, não foi colocada com o objetivo de restringir ou aludir a festa como mecanismo de referência a figuras em específico, assim como o todo festivo, cada figura presente possui uma carga simbólica aludida a tarefas do funcionamento de cada grupo.

A exegese da festa como um contexto ritual compõe pelas cenas seguintes determinadas simbologias que dão o sentido, sendo pelos gestos, pelas roupas e pelas falas a unidade representativa dos grupos. Pelas ruas da cidade em direções diferentes os lambe sujos continuam a cantando, como também os caboclinhos, mas em determinado momento ambos os grupos se encontram e ocorre o primeiro confronto ou o primeiro embate.

De maneira ritualística, assim como os lambe sujos, os caboclinhos pegam o príncipe em casa, cortejado e reverenciado continuam a caminhar pela cidade. No encontro repentino, estalos de espadas tornam-se os sons que conduzem este contato, de um lado os negros e do outro os índios se confrontam, logo se dispersam, ambos os grupos continuam, com animação, muita música e batucadas.

Dando continuidade ao conjunto de ações que compõem a festa, no sábado após a arrecadação dos utensílios para a feitura da feijoada, no domingo em torno do meio dia, aguardada por todos é servido na casa do mestre Zé Rolinha, sentido de camaradagem consensual, isento de conflitos, a feijoada se caracteriza pela comensalidade e por ela ambos os grupos reúnem-se com o objetivo de simbólico, índios e negros dentro daquele espaço de tempo aderem ao evento como mecanismo de pacificação.

No início da tarde, após a feijoada, ambos os grupos organizam seus próximos passos com o cortejo para reverenciar seus principais personagens a adentrarem ao evento. Para os lambe sujos, o primeiro personagem a ser cortejado e aclamado é o rei, junta-se ao grupo com entusiasmo, em seguida com muitos fogos, batuques a mãe Suzana torna-se parte do grupo, ambos e o grupo seguem em direção a casa da Santa Barbara Virgem para aguardar o pai Juá e assim darem seguimento a caminhada dos lambe sujos pelas ruas de laranjeiras.

Mimeticamente projetada, cada busca, cada música e cada atitude contem signos e significados que formam a noção do todo como um evento ritual, ou seja, os personagens que aqui se encontram carregam pelo processo ritual a sua importância do evento, a sequência em que cada personagem é inserido nada mais é que a organização dos sentidos dados pela própria sociedade representada. Da mesma maneira os caboclinhos organizam o cortejo para buscar o seu rei e continuam a percorrer as ruas com entoadas.

Cortejados e partes dos grupos, os personagens principais dos negros e dos índios continuam o trajeto pela cidade, mas em determinado local ocorre o segundo encontro e seu embate, agora o destaque vai para os reis que se confrontam. Logo a dispersão ocorre, mas ambos os grupos seguem em direção a praça, onde foi montado o cenário principal.

Neste interim de tempo, os lambe sujos sequestram a rainha e a princesa dos caboclinhos, gerando um clima de guerra e conflito. As encenações finais ocorrem neste mesmo espaço, os caboclinhos insistem na retomada de sua rainha e princesa, o conflito se estabelece, a princípio os negros conseguem expulsar do seu território os indígenas.

Por precaução, os lambe sujos deixam a cargo do negro forro o papel de avistar, tendo como apoio um mastro, a possível invasão dos caboclinhos. De nada adianta, os mesmos conseguem dominar a área, tendo como consequência um confronto final, com lutas corporais e a retomada de sua rainha e princesa.

A presença do rei dos caboclinhos na tentativa de uma possível trégua, estabelecendo um diálogo, com os lambe sujos logo é substituído pelo confronto. Nesses momentos finais o clima de rivalidades chega a seu ápice, o diálogo é substituído por empurrões, encenando um duelo entre os reis e participantes de ambos grupos. A estrutura de dominação racial retorna a sua normalidade, quer dizer, o evento tipicamente definido por relações sociais reestabelece simbolicamente no momento em que os caboclinhos prendem os lambe sujos, ateando fogo no mocambo, finalizando a encenação.

Durante a apresentação os grupos tendem a preocupar-se com ações que levam a uma veracidade ao personagem apresentado, com isso é notório em todo trajeto expressões e falas que esclarecem tais símbolos.

A cultura carrega para os grupos uma linguagem que interage com os demais campos das ações sociais, falo exatamente dos sentidos, dos ritos e dos mitos, que têm como intermédio às manifestações folclóricas o instrumento capaz de captar as heranças dos negros, dos índios e dos brancos em um único espaço que permanecem até os dias de hoje.

## 2.1 SOBRE OS PERSONAGENS

Cada grupo tem personagens icônicos nas encenações, possuem funções e simbologias que dão sentido ao enredo como um todo elaborado. O grupo dos negros é composto pelos seguintes personagens: o rei, o príncipe, a mãe Suzana, o pai Juá, os taqueiros, o negro forro e os lambe sujos. Uma das características marcantes dos grupos é a pintura corporal, configura uma ampla vertente de interpretações, muitos denominam os lambe sujos como sacis Pererê<sup>6</sup>, outras histórias explicam o uso da pintura associada à camuflagem já que os mesmos fugiam mata adentro para não serem descobertos se melava do mel da moagem da cana assim a folhagem aderiria melhor ao corpo, sendo confundidos com as plantas, dentre tantas outras interpretações o colorido da pele consolida a imagem ao personagem, dando particularidade ao evento.

Quanto à produção da tintura o grupo dos lambe sujos a fazem de maneira artesanal, somam mel de cabaú<sup>7</sup> com sabão em barra e tinta xadrez preta numa bacia, a sua mistura dá cor abrilhantada nos corpos dos participantes e do público que queiram se caracterizar.

Um dos protagonistas da festa é o rei e seu príncipe no grupo dos lambe sujos, vinculada à imagem lúdica de um herói, estes personagens também tem como função liderar o grupo quanto à negociação frente aos caboclinhos, figura carismática é cortejado pelos membros que no decorrer da apresentação os buscam em suas respectivas casas e inserem-se ao festejo ao som de muita batucada e música. Assim como os demais membros pintam o corpo e o rosto de preto, ventem-se como verdadeiros heróis, usando uma coroa prateada e dourada, cor predominante no figurino, além de mini bonecos de cor preta no colete e na coroa, blusa de manga longa e calça vermelhas, levam como símbolo uma espada para completar o personagem.

---

<sup>6</sup> O saci Pererê existente no folclore brasileiro nascia dos bambus e morava nas matas, segundo a mitologia africana, lutando capoeira perdeu uma perna, com o cachimbo e seu gorriinho vermelho marca seu personagem pelas travessuras e brincadeiras.

<sup>7</sup> Após a moagem da cana de açúcar é extraído um mel mais consistente.

Figura 3 e 4- Rei e príncipe dos lambe sujos-Rei e mãe Suzana



Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos lambe sujos e caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Ainda sobre os lambe sujos existe a mãe Suzana, figura com uma carga simbólica muito forte para o grupo e sua singularidade faz com que a torne fundamental para o enredo, ela carrega a idealização da mãe de todos, um misto de personalidade marcante, curandeira e feiticeira numa única pessoa. Sua figura associada a uma diversidade de sentidos, a mãe Suzana veste-se com saia alongada e blusa colorida, com adereços como chapéu de palha, colares, brincos e pulseiras, carrega na cabeça um cesto cheio de panelas, candeeiro, peneiras, ervas, envolto de bonecos pintados de negro, ainda segue com um cachimbo que completa o personagem.

Com função parecida com a personagem anterior, o pai Juá segue a minha perspectiva simbólica, mas com características mais envelhecidas cuja sua representatividade é de líder sábio e conhecedor das histórias escravistas. Representa o preto-velho, como muito já se sabe, estes são entidades carismáticas das religiões afro, em específico os da umbanda, que viveram nas senzalas, mas ao passar dos anos restaram-lhe as velhas histórias de escravidão e dos cativeiros para serem contadas ao demais, com a aparente parcimônia e sabedoria, seu estereótipo está associado a um homem velho (falo exatamente da questão da idade e no físico), de barba branca e que usa bengala para se locomover. Seu figurino é composto por uma calça vermelha, blusa preta que por cima tem um casaco branco, um chapéu de palha com formato mais alongado, com barba branca, um cachimbo, uma muleta e uma mochila feita de bambu.



Figura 4 e 5- Pai Juá-Taqueiro



Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos lambe sujos e caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

Neste grupo ainda tem os taqueiros ou capitães do mato <sup>8</sup>, geralmente são quatro homens que fazem este personagem, ficam a frente dos lambe sujos com a finalidade de organizar, a denominação do nome é vinculada ao chicote que os mesmos carregam, ou seja, usam tacas para aferir todos àqueles que ousem entrar ou sair do grupo, pintados vestem-se de calça e blusa de manga longa de cor vermelha, por cima uma jaqueta de couro preto, do lado pequenas cabaças na cintura, um facão.

Cada personagem possui um papel relevante dentro da encenação, nos últimos momentos do evento vigilante, o negro forro <sup>9</sup> sobe ao mastro que está erguido em frente à do mocambo localizado ao lado da praça central para avisar ao grupo a invasão dos caboclinhos ao quilombo, que mesmo assim os caboclos invadem o território, resgatam a sua princesa e aprisionam os lambe sujos. Sendo assim o grupo que representam os negros, trazem personagens diferentes para dar enredo à história apresentada, por ser um grupo numericamente maior, os lambe sujos conseguem agregar na sua execução além dos brincantes e moradores da cidade, o público em geral pode ser mais um negro durante a festa.

Do outro lado da festa existem os caboclinhos que representam os indígenas, como o confronto se configura pelo rapto da princesa deste pelos lambe sujos, o grupo

---

<sup>8</sup> Dentro da história do Brasil o capitão do mato eram geralmente homens libertos que saíam em comboios mata adentro caçando e capturando os escravos fugitivos, a mando dos senhores de engenho, agiam com violência nessas capturas.

<sup>9</sup> O negro forro eram homens que tinham a carta de alforria, tornaram-se alforriados.

tem como personagens: o rei, a princesa, que nos últimos anos tenho observado a presença de duas meninas duas crianças para compor o contexto e os caboclinhos.

O protagonista dos caboclinhos que é o rei de caráter lúdico representa o herói do grupo, da mesma forma que o outro grupo classifica este personagem, com características de liderança é quem coordena os indígenas, sua indumentária é composta de adereços de cores prateadas e douradas, a sua coroa possui maiores adereços inclusive o uso de penas de cor preta, calça e blusa de cor vermelha, saiote confeccionado de penas da cor branca, no peitoral uma ilustração do perfil de um cacique, corpo e rosto devidamente pintado de tinta vermelha, carrega o uma espada.

Figura 6 e 7- Rei dos caboclinhos - Princesa e acompanhantes



Fonte: pesquisa de campo da mestrandia  
Apresentação dos lambe sujos e caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

De maneira similar a produção da pintura é feita da mistura de tinta em pó xadrez com água e sabão, de cor mais opaca, os caboclos é composto na sua maioria por jovens e crianças com idades variadas, a indumentária é tipicamente regida pelo imaginário construído acerca do índio aonde tem saiotes feitos de penas, adereços nos calcanhares e tornozelos, cocares majestosos, assim como a presença da pintura vermelha na pele e rosto, levam como instrumentos de luta arcos e flechas.

A filha do rei, a princesa é quem desencadeia o conflito entre os grupos, de vestido vermelho e uma pequena coroa na cabeça, nos braços e pernas tem as penas que completam seu figurino, acompanham no ensejo duas crianças do sexo feminino

também caracterizadas de índias. Os demais membros são os integrantes do grupo, numericamente menor, é composto de crianças e adolescentes da cidade.

Figura 8- Crianças personalizadas: caboclinho e lambe sujo



Figura 16  
Fonte: pesquisa de campo da mestranda  
Apresentação dos lambe sujos e caboclinhos  
Laranjeiras/SE,12-10-2014.

Desta forma o grupo Lambe Sujos e Caboclinhos tem como característica marcante a pintura corporal, o primeiro de tinta preta e o outro de tinta vermelha, o elemento visual consegue dar coerência ao enredo, inserindo na conjuntura adereços, figurinos que remete a ideia original que pauta as figuras então representadas.

### **3. DA FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL**

Discorrer sobre a teoria da festa é encontrar sentidos diversos que estão incutidos, isto é, o engessamento acerca da teoria não conduz a compreensão do evento com sentido social, ao contrário, o distanciamento de entendê-la como uma estrutura composta de ritos, mitos e lendas é quem a fomenta e a conduz na sua desenvoltura.

O confronto final e o reestabelecimento da ordem, negros aprisionados após resistência enfática aos caboclos, encenado as margens do rio Cotinguiba, este símbolo de progresso econômico, estrategicamente escolhido para ressaltar o percurso festivo encontra-se alinhado ao contexto emblemático de Laranjeiras, finalizando as encenações com a queima do mocambo.

Segundo Schechner (2012) a festa é composta de três atos, mas contem na sua essência o sentido do que ele define de “restauração do comportamento”, ou seja, aparentemente as festas possuem a mesma estrutura, com a finalidade de diversão e demasia permissíveis, apesar disso cada qual possui diferenças subjetivas e particularizadas, observando como o dinamismo intrínseco torna-se parte do processo.

Assim como os processos dos rituais, a festa vista como um fato social total está baseada em princípios simbólicos de análise, algumas legitimadas pelo viés cultural, outras pelo dinamismo das relações, mas o que tanto o ritual quanto a festa consistem é sobretudo numa estrutura que embasa e legitima a sua existência, resgatando um passado e localizando seus indivíduos dentro de contextos históricos.

De acordo com Cavalcanti (2013 ,p .421) “(...) nesta retórica de dualidades que as interações se estabelecem e dão significado aos processos, no momento que o natural pressupõe a desordem, o social, a intersubjetividade dos grupos pressupõem as normas, regras, a um ordenamento social”. Sendo que ao representar teatralmente a história da formação da cidade, seu papel será de decodificar, compreender e relembrar o passado social correlacionando com o presente.

Portanto legitimar a história de um povo pela retomada anual da teatralização é enfaticamente lembrar sua origem social como processo de constante dinamismo, ao pensarmos este evento como um modo privilegiado de expressão de sentimentos coletivos e individuais ao mesmo tempo.

A festa é um processo cíclico, tendo a necessidade de retomar os laços da sociabilidade e também se preocupando na liberdade momentânea. A coletividade é enaltecida e considerada como um dos momentos de suma importância no desempenho e consolidação dos papéis sociais.

A noção de continuidade permeia sobre o estudo de festa estruturalmente falando, já se termina uma projetando a outra. A dinâmica cultural não se estagna justificando o porquê que as repetições dos fatos estão muitas vezes vinculadas a sentidos perpetuados e que ao longo dos anos tornaram-se intrínseco na historia da sociedade, “os atores morrem, mas a peça continua”<sup>10</sup>.

Logo, a festa é vivida, experimentada e só tem sentido por aqueles que a vivenciam. Destarte, compreendê-la não é resumir como manifestação sem sentido social, ela vai interpelando a historicidade humana que a representa teatralmente, integrando a pluralidade dos mundos ali representados, ao mesmo tempo em que mantém a relação dialética do cotidiano e da não ruptura.

---

10 \_ Palestra do II Colóquio de Festas e Sociabilidades pela prof.ª Eufrásia Cristina Meneses Santos, 2008

Festejar, teatralizar significa muitas vezes o retrato da experiência social, integrando vários elementos, rompendo o cotidiano e compondo valores e sentimentos distintos, perceptível na encenação de luta apresentada. Marcadas por seus gestos, num espaço específico e sempre com a necessidade de serem reafirmados.

Para Rosa (2002, pg. 24) “festa é um espetáculo, podendo ser, até mesmo, o espetáculo. Como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, conflito, convivência, efervescência, excesso, ambiguidade, gratuidade e espontaneidade. Tempo e espaço festivos tem enunciados, dentre suas características, a inversão e a transgressão”, possuidora de elementos *sui generis*, condicionada em tempo e espaço específico, não a torna uma experiência desorganizada e sem sentido social.

Além disso, como afirma Perez (2000, p.47) “festa é consumação, dispêndio, sacrifício, troca- dom, reciprocidade, ou seja, o ato de produção de vida”, não sendo diferente ocupa na vida dos homens um lugar privilegiado de legitimidade e aceitação, a qual as suas dinâmicas condicionam a sua permanência.

De outro lado, a festa pensada como ritual torna-se a chave para compreensão da sociedade ao qual estamos inseridos, ao esquematizá-los e projetá-los na perspectiva do sagrado compreende-se sua relevância para o social e de como seus significados tomam sentido naquele determinado contexto aceito e inseridos. Rituais cruzam as fronteiras do mágico- religioso, é a exceção entre o cotidiano e o mítico.

Ao preocupar-se em analisar os dramas sociais, neste caso a festa dos Lambe Sujos sob a ótica do teatro é assim dispor de uma série de reflexões que estão inclusas no processo de formação, da estrutura do evento. Além de ser uma forma de expressão coletiva traz na sua essência uma série de ritos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender a festa com a função de continuidade, continuidade esta que se confere porque tem sentido social, por isso que é mantida, revigorada e mantenedora da vida social, superando na sua prática o distanciamento coletivo e a efervescência momentânea, reafirmando os seres sociais e refazendo a própria ordem.

Não se deve falar sobre dois campos distintos, como verdade absoluta. Cultura é a ordem da diferença, da realidade objetiva, reagrupa um conjunto. Portanto, a festa com seus mais diversos sentidos, como a noção de memória social, efervescência coletiva, trará no seu bojo o revigoramento dos elementos sociais ali inseridos.

A história oral permeia a festa e torna-se contínua nos discursos dos seus participantes, localizando a vida contextual e histórica de um povo, operando na reconstrução, situando as identidades para legitimar muitas ações do presente. Por isso que a permanência da teatralização dos Lambe Sujos e sua saga pela liberdade dura há mais de nove décadas.

O conflito estabelecido através dos embates durante o domingo é mais uma demonstração como todo o ritual, os símbolos despostos remetem sempre a ideia da constituição social. Os estudos sobre festa permeiam pelo campo de várias abordagens teóricas coerentes, mas é através dela que a vitalidade nos ajuda a entender, como determinadas sociedades definem seus valores e sua identidade na relação entre o passado e o presente.

As ações ritualísticas são estruturadas pela cultura como conteúdo de rememoração entre um passado histórico marcado socialmente e uma manutenção de valores. Por isso ao situar o conceito de festa e ritual através da concepção de Turner e Gennep é poder localizar suas principais funções dentro da história social de Laranjeiras, explícito pela performance e esplanada pelo teatro.

Enfim, o teatro e o ritual se confere pelo imaginário social, sua funcionalidade é de representação ritualística no sentido mais conceitual, pois possui em suma uma carga simbólica recorrente e pertinente de uma determinada sociedade, localizando-a num espaço e tempo determinado, justificando sua continuidade ao longo dos anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Côrtes, Gustavo Pereira.(2000). *Dança, Brasil! : festas e danças populares*. Belo Horizonte: Editora Leitura.

Cavalcanti, Maria Laura de Castro. (V.03.06: 411- 440 Novembro, 2013) *.Drama Ritual e performance em Victor Turner*. Sociologia & Antropologia. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. E Gonçalves, José Reginaldo. (orgs.) (2009). *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa.

Cascudo, Luis da Câmara. (2000). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global.

Dantas, Beatriz Gois. (1988). *Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro.

- Durkheim, Émile.(2003). *As formas elementares da vida religiosa*, 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Duvignaud, Jean. (1983). *Festas e civilizações*. Fortaleza: Edições Univ. Fed. Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda.(1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A.
- Geertz, Clifford. (2008). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT.
- Gennep, Arnold Van.(1978). *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes.
- Lévi-Strauss, Claude.(1976). *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional.
- Mauss, Marcel. (2003) *Ensaio sobre a dádiva. Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naif.
- Menezes, Virginia Lúcia. (1986) *Levantamento das manifestações de teatro em Laranjeiras Sergipe*. Aracaju: FUNDESC.
- Peirano, Mariza.(2003) *Rituais ontem e hoje* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_.(1995) . *A Favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Damará.
- Perez, Léa Freitas. (2002). *Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas*. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes.
- Rosa, M. Cristina. (2002).*Festa , Lazer e Cultura*. São Paulo. Papirus.
- Sansone, Livio. (Organizador). (2012). *A política do intangível: museus e patrimônios em nova perspectiva*. Salvador: Edufba.
- Schechner. Richard.(1985) *Between Theater and Anthropology* . Phidelpia : University of Pennyslvania Press.
- Tinhorão, José Ramos.(2000) *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo:Ed.34.
- Turner, Victor.(1974).*O Processo Ritual- estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_.(2002) *A Floresta dos Símbolos: aspectos do ritual ndembu*. Niterói , EdUFF.
- Wagner, Roy. (2010). *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify.